



# musi

## André Sakr, produtor da festa Digital Rock e integrante da Our Gang, conta como é fazer música em Curitiba

Com o fim E.S.S., surgiu o Our Gang. Como foi que a banda “aconteceu”? O Alec Bang (vocalis) estava na Inglaterra e não nos víamos há uns 5 anos. Tanto ele quanto eu andávamos um bocado cansados das rotinas com suas bandas ( E.S.S. e Black Sanchez). Logo que ele retornou ao Brasil, há uns poucos meses, começamos a compor e registrar algumas idéias. Já estamos gravando a oitava música do Our Gang e trabalhando muito pra finalizar logo as outras sete. Posso dizer que nunca estive tão feliz e impressionado produzindo um som antes.

No show da última Digital Rock, a apresentação da banda, ao mesmo tempo em que foi competente, pareceu ter um ingrediente de desapego, algo do tipo “não estamos nos importando muito com o som, mas sim com a diversão”. Foi proposital? Você acha que essa é uma característica do som indie/electro atual? É sempre legal quando algo meio desleixado soa bem. Essa é uma fórmula que não tem muito erro. Não sei se é o nosso caso. Se for também, ok. O show que você cita foi nosso primeiro, ainda não tínhamos nada pronto, apenas três ensaios e nenhum equipamento. Então convidamos alguns amigos e resolvemos nos divertir no palco mesmo assim. Os próximos terão um formato diferentes, talvez isso acabe mudando um pouco essa impressão. Vamos ver.

Como você vê a cena indie/electro atual em Curitiba? O movimento musical por aqui ainda é insípido ou já está mais



maduro? Qualquer núcleo, espaço ou vertente independente hoje por aqui já é no mínimo num esquema dez vezes mais organizado e menos amador do que há poucos anos atrás. Isso é bem bom. Por outro lado, a rotatividade de atrações e formatos ainda é viciosa e hermética. Os bares hoje têm noites temáticas semanais com certo público garantido. Então pra que mexer nisso? Enfim, acho que falta por aqui um espírito de produtor, um pouco de arrojo e vontade de se diferenciar do resto.

Então dá para dizer que é muito difícil trazer artistas internacionais para tocarem em Curitiba? Não é nem um pouco difícil contatar e muito menos encontrar bons nomes interessados em tocar aqui. Mesmo sem procurar muito, recebo vários e-mails de agentes oferecendo shows interessantes. A Digital tem excelentes apoiadores, mas numa escala menor. São todos amigos que investem grana dos seus negócios por paixão à música e vontade de ver algo novo circulando por aqui. Se as próprias casas noturnas, os bares, se propusessem a diminuir um pouco suas margens de lucro vez ou outra, pode ter certeza que rolariam shows internacionais legais aqui todo mês. Pode crer que no dia que essa galera se

## Decadência

Poucos DJs e produtores que já estiveram na berlinda experimentam um processo de decadência tão visível quanto o inglês Paul Oakenfold. O lançamento de uma biografia autorizada e as comemorações pelos 20 anos da *acid-house* até que deram um gás na imagem de Oakey, que além de uma entrevista aqui e ali ainda faturou algumas *gigs* (a maioria delas nos EUA) sempre com a alusão à famosa ilha de Ibiza. No último dia 27 de setembro a União dos Estudantes de Newcastle, na Inglaterra, promoveu um evento no qual a grande atração seria Oakenfold. Mas nem o fato de já ter sido o DJ mais popular do mundo por diversas vezes foi suficiente para levar mais do que 52 pessoas a uma apresentação do músico. Te cuida, Tiësto!

tocar disso, sair na balada aqui vai ser bem mais legal, ah vai.

Que shows ou sets de DJs você não perderia por nada? Perderia até enterro de parente pra ver um show do Cowboy Junkies ou do The Knife. DJset não sei. Já perdi vários e não doeu.

Quais discos tocam na sua vitrola atualmente? Tenho ouvido bastante Giorgio Moroder, Enio Morricone, Chic, Nino Ferrer, Michael Jackson, Jacques Dutronc, Stevie Wonder, Hall and Oates, Chemise, Goose, Human League, Gilbert Sullivan, e outras velharias. 2007 foi simplesmente matador pra música eletrônica, tem que limpar um pouco o ouvido pra 2008 porque vai ser foda.

Quais são as tendências que devem ditar regra em 2008 na sua opinião? Acho que vai seguir o mesmo conceito do segundo semestre aí: quanto mais melhor.



# musicness.:

## Vip, onde?

Lulu Santos, Regina Casé, Xuxa Lopes, Paulo Ricardo, Sabrina Sato, Wagner Moura, Mariana Ximenes, Danton Melo, Priscila Fantim, Estevão Ciavatta e Preta Gil foram algumas das celebridades que deram as caras na última edição do TIM Festival no Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro. Aí você pensa: área VIP, camarote, pulserinhas. Que nada! Desfilaram tranqüilamente e sem chateação por entre o público mortal. Já em Curitiba - capital que talvez mais cultue a moda do espaço reservado para bem nascidos - camarotes e área VIP montados ao lado do palco. De onde saem tantos curitibanos que não podem circular por entre pessoas que pagaram R\$ 60,00 para assistir aos shows?

## Boa surpresa: Interpol no Brasil!

A banda nova-iorquina Interpol toca pela primeira vez no Brasil em 2008. Serão três shows da turnê do CD "Our Love to Admire": São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Surgida em 1998 dentro do universo do rock alternativo, a banda conquistou com enorme sucesso o mercado internacional, além de serem conhecidos como um dos grupos mais bem vestidos do mundo pop. O Interpol é formado pelo vocalista Paul Banks, pelo baixista Carlos D., pelo guitarrista Daniel Kessler e pelo baterista Sam Fogarino. A turnê que passará pelo Brasil apresenta o terceiro álbum da trupe, lançado em julho de 2007. Será que não dá tempo de alguém trazer a banda para Curitiba?

★ DATAS E LOCAIS CONFIRMADOS  
11/03/2008 — São Paulo (Via Funchal)  
13/03/2008 — Rio de Janeiro (Fundição Progresso)  
15/03/2008 — Belo Horizonte (Chevrolet Hall)  
[www.viafunchal.com.br](http://www.viafunchal.com.br) — Call Center 3188 4148

★ Musicness é produzida por Diogo Dreyer, Raul Aguilera e João Anzolin.  
<http://rraurf.uol.com.br/blogs/musicness>



BJÖRK

FOTOS: Joel Rocha/Divulgação



ALEX TURNER Arctic Monkeys



**CERTEZAS QUE FICARAM APÓS O TIM EM CURITIBA** **1.** A Björk é o PT da música. Ou o cara é seguidor fanático, ou não desce mesmo. Não tem aquela de "não gosto dela, mas o show foi legal". Foi a atração que mais dividiu opiniões na edição curitibana. No Rio, funcionou melhor, talvez pelo espaço menor. **2.** Falem mal, falem bem. Ao vivo, os moleques do Arctic Monkeys são arrasadores! Até os curitibanos - bichos arredios, não dados a demonstrações de alegria em público - cantaram durante todo o show. **3.** Tudo bem que festival em dia de semana precisa acabar cedo. Mas começar muito cedo também não dá! O Hot Chip - que era pra ser a atração "descolada" desse ano - tocou para meia dúzia de pessoas. **4.** Última e mais importante certeza: Curitiba merece ganhar, sim, uma edição anual do festival. Mesmo numa quarta-feira, o Tim Festival reuniu quase 20 mil pessoas e em termos de organização, o evento na capital paranaense deu um baile nas edições carioca e paulista, que sofreram com atrasos, falta de bebidas e até de segurança.

de quarta à domingo

**James** 

[www.barjames.com.br](http://www.barjames.com.br)

Vicente Machado, 894 (41) 3222 1426